

Piauí



Cajucultura que transforma vidas: união, renda e esperança no Assentamento Santa Ana

Marcada por sua resistência às condições climáticas do Sertão, a cajucultura é símbolo de força e identidade do povo nordestino. Presente nos quintais de agricultoras e agricultores familiares do Semiárido piauiense, o caju é parte essencial da soberania alimentar e da geração de renda no campo.

Muitas pessoas confundem, mas a castanha é que é o verdadeiro fruto, enquanto a parte suculenta que consumimos, o caju, é um pseudofruto, chamado pedúnculo. Dele se aproveita praticamente tudo. São comuns doces caseiros, sucos e a famosa cajuína, bebida típica do Piauí que se espalhou pelo Brasil. A castanha também é amplamente consumida e comercializada.

No Assentamento Santa Ana, zona rural de Capitão de Campos (PI), o caju passou a representar esperança, impulsionar sonhos e fortalecer o bem-viver na comunidade.

A história de transformação começou em 2023, quando a então presidente da Associação de Moradores e Pequenos Produtores da Comunidade Santa Ana, a agricultora familiar Maria Ferreira da Cruz Sales, carinhosamente chamada de "Paixão", participou, com Eroneide Gomes, que também é agricultora familiar e moradora do assentamento, de um intercâmbio promovido pelo Programa de Geração de Emprego e Renda no Meio Rural (Progre II).



Elas e outras assentadas conheceram, no município de Cocal de Telha (PI), a experiência do grupo Cajuína Mulheres Guerreiras, cuja atuação inspirou novas perspectivas de organização, fortalecimento da produção e geração de renda para as moradoras do Assentamento Santa Ana.

Além da troca de saberes, Paixão, Eroneide e outras assentadas participaram de oficinas sobre o aproveitamento integral do fruto, técnicas de higiene e manipulação do caju. As agricultoras também aprenderam sobre controle de qualidade, comercialização e organização coletiva. Depois do intercâmbio o grupo foi contemplado pelo Progere II com uma casa de cajuína equipada com peneiras, liquidificador industrial e arrolhador de garrafas.



Com a nova estrutura, o que antes era desperdício transformou-se em oportunidade. O caju passou a ser aproveitado por completo, dando origem a deliciosas cajuínas e doces. Já no primeiro ano de trabalho coletivo, em 2024, o grupo produziu mais de mil garrafas da bebida, divididas igualmente entre os membros ao final da safra. A comercialização ocorreu entre vizinhos, comunidades do entorno e nas feiras da agricultura familiar da cidade.



Segundo Paixão, a vivência foi transformadora e despertou, no grupo formado por 13 mulheres e um homem, a certeza de que era possível unir esforços e valorizar o caju, que muitas vezes ia para o lixo, transformando-o em geração de renda solidária.

A empolgação foi tanta que, no ano seguinte, decidiram ampliar a produção e compraram mais de 400 quilos de caju de outros produtores da região. Foram 16 dias de trabalho intenso, marcados por união e alegria. O ciclo de produção da cajuína ocorre principalmente entre setembro e outubro, período em que o grupo se dedica integralmente às atividades.



“Quando chega na época do caju, a gente praticamente se muda para a casa de cajuína. Ficamos muito animados porque já é uma boa fonte de renda para nós. Almoçamos aqui e, muitas vezes, vamos para casa de madrugada. Todo mundo trabalha junto, é uma verdadeira festa”, conta, sorridente, Paixão.

Foi das mãos, principalmente, das mulheres que em apenas dois anos se consolidou a Cajuína Santa Ana, apreciada e bem aceita por todos que a experimentam. O produto tornou-se símbolo de união, identidade comunitária e fortalecimento para todos se somando à farinha e ao beneficiamento do pequi que o grupo já realizava.

“Hoje há um envolvimento de toda a comunidade e de nossas famílias. Nós passamos a conhecer e consumir um produto natural que melhorou nossas vidas e que temos muito orgulho, feito com muito carinho por nós. Meus filhos não conheciam a cajuína, mas hoje adoram. Já juntam os cajus e ficam ansiosos para a produção,” reforça Paixão.

Com o objetivo de fortalecer ainda mais o cultivo, os moradores do assentamento destinaram cinco hectares de terra para a implantação de um campo comunitário de multiplicação de cajueiro. Na mesma área, também será instalada a Casa de Sementes da Fatura da comunidade, por meio do Programa Sementes do Semiárido e do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), executados pelo Centro Regional de Assessoria e Capacitação (Cerac), com apoio do Fórum Piauiense de Convivência com o Semiárido.

A iniciativa tem como objetivo fortalecer a produção, a preservação e o armazenamento de sementes nativas, que, assim como o caju, são patrimônios genéticos dos povos sertanejos e fundamentais para a convivência sustentável com o Semiárido. *“Vamos trabalhar, estudar e preservar nossas sementes, fortalecendo a nossa agricultura familiar”, comemora Paixão.*

P1+2: diversidade agroecológica e mais renda

Enquanto o trabalho coletivo de beneficiamento do caju se fortalece, Paixão e outras nove agricultoras trabalham para diversificar a produção agroecológica e ampliar a renda familiar. Elas conquistaram, cada uma, uma cisterna com capacidade para armazenar 52 mil litros de água, que chegou em 2026 por meio do P1+2.

Para Rosenira Maria da Conceição a cisterna soluciona dificuldades hídricas e permite à sua família sonhar com mais qualidade de vida no campo. *“Com a cisterna, vai ser possível fazer meus plantios. Nossa renda vai aumentar ainda mais e vamos nos alimentar melhor”, afirma a agricultora.*

Já Maria das Graças do Espírito Santo Neta afirma que o programa representa a realização de um sonho, especialmente por integrar a cisterna ao Programa Fomento Rural, que disponibiliza R\$ 4.600 para a família desenvolver um projeto produtivo, como por exemplo, um quintal agroecológico. *“Meu sonho vai ser realizado: fazer a casa das minhas galinhas e meus canteiros de horta. Vou aproveitar o bagaço do caju para alimentar as galinhas”, explica.*

Assim, no Assentamento Santa Ana, as famílias celebram as riquezas do cajueiro que, aliado ao P1+2, fortalece o empoderamento feminino, a auto-organização e a busca por mais qualidade de vida no território onde vivem e constroem sua história.

